

A Medida Positiva dos Afetos: Bem-Estar Subjetivo em Pessoas Casadas

Positive Affection Measurement: Subjective Well-Being in Married People

Fabio Scorsolini-Comin^{a,b} & Manoel Antonio dos Santos^{*,a}

^aUniversidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil

& ^bUniversidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Brasil

Resumo

Este estudo teve por objetivo analisar as correlações entre os fatores do bem-estar subjetivo (BES) em uma amostra de 106 pessoas casadas há 16,11 anos em média. Foram aplicados: Questionário Sociodemográfico, Questionário de Classificação Socioeconômica e Escala de Bem-estar Subjetivo (EBES). Para análise dos dados utilizou-se um software R e modelo multivariado para compreensão das correlações entre os domínios de BES. Todos os fatores da EBES mostraram-se correlacionadas entre si de modo significativo também em pessoas casadas, o que corroborou os resultados do estudo de validação da escala. Destaca-se a necessidade de estudos futuros que avaliem o BES em casais (díades), o que pode contribuir para a investigar se essa noção sofre influência do cônjuge ou apenas da situação conjugal.

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo, afetos positivos, afetos negativos, satisfação com a vida, casamento.

Abstract

The study analyzed the correlations among the different factors of subjective well-being (SWB) using a sample of 106 married people with an average of 16.11 years of marriage. The following instruments were used: Sociodemographic Questionnaire, Socioeconomic Questionnaire, and Subjective Well-being Scale (SWBS). Data analyses were conducted using the Software R and a multivariate model to understand the correlations among the factors of the SWBS. All factors of the SWBS were significantly inter-correlated, which confirm the results of the scale validation study. Future studies are necessary to evaluate the SWB in couples (dyads), which can help to understand whether this concept is influenced by the spouse or only by the marital status.

Keywords: Subjective well-being, positive affection, negative affection, life satisfaction, marriage.

A felicidade vem despertando o interesse em leigos e cientistas há vários séculos. A partir da década de 1990, a Psicologia Positiva despontou como uma abordagem científica das qualidades humanas, em um esforço teórico e metodológico para se desenvolverem estudos que investiguem as características positivas e salutares dos indivíduos como forma de se romper com a tradição psicológica que privilegiava a doença como foco de atenção (Scorsolini-Comin & Santos, 2009, 2012; Seligman, 2004, 2011; Snyder & Lopes, 2009). Entre os conceitos empregados por esta abordagem figura o de *bem-estar subjetivo* (BES), considerado o estudo científico da felicidade.

O BES visa a compreender a avaliação que as pessoas fazem de suas vidas, podendo receber outras denominações, tais como felicidade, satisfação, estado de espírito, afeto positivo, sendo também considerado, por alguns autores, uma avaliação subjetiva da qualidade de vida. Apesar das discordâncias teóricas relativas à conceitualização de BES, há um consenso quanto às suas dimensões: afetos positivos, afetos negativos e satisfação com a vida (Anguas, 1997; Martinez & Garcia, 1994; Scorsolini-Comin, 2009; Scorsolini-Comin & Santos, 2011): (a) *Afeto positivo* é um contentamento hedônico puro experimentado em um determinado momento como um estado de alerta, de entusiasmo e de atividade. É um

* Endereço para correspondência: Endereço para correspondência: Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto, SP, Brasil 14040-901. E-mail: scorsolini_usp@yahoo.com.br

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por ter subvencionado o projeto que originou o presente estudo, com bolsa de mestrado (Processo nº 2007/52584-5), e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

(CNPq) pela bolsa de Produtividade em Pesquisa, nível 1D, concedida ao segundo autor.

Trabalho derivado da dissertação de mestrado intitulada "Casar, Verbo (In)Transitivo: Bem-Estar Subjetivo, Conjugalidade e Satisfação Conjugal na Perspectiva da Psicologia Positiva", do primeiro autor, sob orientação do segundo autor, defendida e aprovada em 2009 junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

sentimento transitório de prazer ativo; trata-se mais de uma descrição de um estado emocional do que um julgamento cognitivo (Diener, 1995). (b) *Afeto negativo* refere-se a um estado de distração e engajamento não prazeroso que também é transitório, mas que inclui emoções desagradáveis como ansiedade, depressão, agitação, aborrecimento, pessimismo e outros sintomas psicológicos aflitivos e angustiantes (Diener, 1995). (c) A dimensão *satisfação com a vida* é um julgamento cognitivo de algum domínio específico na vida da pessoa; um processo de juízo e avaliação geral da própria vida (Emmons, 1986); uma avaliação sobre a vida de acordo com um critério próprio (Shin & Johnson, 1978). Este julgamento depende de uma comparação entre as circunstâncias de vida do indivíduo e um padrão por ele escolhido, ou seja, remete-se também a uma comparação com o seu meio social, cultural e histórico.

Segundo Giacomoni (2004), historicamente as principais teorias e modelos explicativos do BES vêm se organizando sob duas tradições opostas: *bottom-up* e *top-down*. As abordagens do tipo *bottom-up* preocupam-se com os fatores externos (como as variáveis socio-demográficas) relacionadas ao bem-estar, acreditando que a satisfação das necessidades humanas é que poderiam conduzir à felicidade. Já as abordagens *top-down* preconizam que as pessoas possuiriam “uma predisposição para interpretar as situações, as experiências de vida, de forma tanto positiva quanto negativa, e essa propensão influenciaria a avaliação da vida” (Giacomoni, 2004, p. 45). Nessa segunda perspectiva de análise, a interpretação subjetiva dos eventos é que influenciaria o BES, ao contrário do que se supunha na primeira tradição. Nesse processo abre-se espaço, por exemplo, para a consideração de outros conceitos relacionados ao BES, como o de enfrentamento (*coping*).

Em termos dos instrumentos utilizados para a mensuração do BES, conforme revisão de Scorsolini-Comin e Santos (2008), destacam-se as seguintes escalas: *Satisfaction With Life Scale* (SWLS), desenvolvida por Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985); *Positive and Negative Affect Scale* (PANAS; Watson, Clark, & Tellegen, 1988); PANAS-X – *Positive and Negative Affect Schedule – Expanded Form* (Watson & Clark, 1991); *Life Satisfaction Inventory: Form A* (Liang, 1984; Neugarten, Havinghurst, & Tobin, 1961); OHI (*Oxford Happiness Inventory*; Argyle, Martin, & Crossland, 1989); e a *Subjective Happiness Scale* (SHS; Lyubomirsky & Lepper, 1999). Cada instrumento possui características específicas, não havendo um consenso entre eles no que se refere aos fatores que compõem o BES. Algumas dessas escalas utilizam afetos positivos e negativos apenas, enquanto que outras julgam a satisfação/insatisfação com a vida como um construto único. Ainda que cada escala, questionário ou inventário guarde seus pressupostos de construção e validação, os três fatores aqui explicitados (satisfação com a vida, afetos positivos e afetos negativos) são os componentes mais recorrentes desses instrumentos.

Pela revisão de Albuquerque e Tróccoli (2004), o método mais usual de mensuração do BES consiste no uso de autorrelato, no qual o indivíduo julga a sua satisfação com relação a sua vida e relata a frequência de emoções afetivas recentes de prazer e desprazer. Esses autores desenvolveram a Escala de Bem-estar Subjetivo (EBES), utilizada no presente estudo. É um instrumento inspirado em escalas existentes no exterior, como a Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo (PANAS), a Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) e a Escala de Bem-estar Subjetivo (SWBS), com itens elaborados e analisados em grupos de validação semântica. Como muitos termos traduzidos não apresentavam clareza para os respondentes brasileiros, alguns itens foram adaptados para a cultura nacional e outros novos foram incluídos (Paschoal & Tamayo, 2008).

Albuquerque e Tróccoli (2004) atestam que a EBES mostrou ser um instrumento válido e preciso, o que recomenda seu uso para a avaliação de BES em populações não desviantes da normalidade em termos de saúde mental. A EBES atende à recomendação de Diener, Suh, Lucas e Smith (1999) com relação à construção de instrumentos de medida de BES que possam avaliar, separadamente, os seus componentes. Entretanto, faz-se necessário verificar se a mesma configuração fatorial se mostra invariante em amostras diversificadas em termos profissionais e também em amostras clínicas.

Em relação aos fatores que influenciam o BES, Albuquerque e Tróccoli (2004) e Lykken e Tellegen (1996) apontam que este é um construto que sofre influência tanto sociocultural (experiências compartilhadas que constituem a base de uma maneira similar de se ver o mundo), como da hereditariedade. Em termos de idade, os estudos revelam que pessoas mais jovens não são mais felizes do que pessoas mais velhas. Em uma pesquisa de Diener e Suh (1998), resgatada por Albuquerque (2004), examinou-se a relação entre idade e BES em um levantamento que incluía amostras de quase 60.000 adultos de 40 nações. Dos três componentes mensurados – satisfação com a vida, afeto positivo e afeto negativo, somente o afeto positivo declinou com a idade. O componente satisfação com a vida mostrou-se estável ao longo dos anos, ocorrendo apenas um pequeno declínio no humor (Diener & Lucas, 2000; Diener & Suh, 1998).

No que concerne à renda, de acordo com Albuquerque (2004), as pesquisas mostram que pessoas de nações mais ricas são mais felizes do que pessoas de nações mais pobres e que o aumento da riqueza nacional em nações desenvolvidas não tem sido associado ao BES. Outros resultados sugerem que as diferenças de riqueza em uma mesma nação demonstram pequenas correlações positivas com o BES e que aumentos na riqueza pessoal não resultam em elevação dos níveis de felicidade em pessoas que aspiram fortemente à obtenção de dinheiro e riqueza.

Seligman (2004) assegura que o casamento está diretamente relacionado à felicidade. Retomando resultados

de uma pesquisa realizada nas últimas três décadas com 35 mil pessoas nos Estados Unidos, 40% das pessoas casadas “se diziam muito felizes, enquanto apenas 24% das divorciadas, solteiras, separadas e viúvas tinham essa opinião” (Seligman, 2004, p. 72). Ainda segundo o autor, viver com a pessoa amada (sem que haja o casamento consensual) também é um fator que está diretamente relacionado à felicidade. Comparativamente, pessoas que não vivenciaram tal experiência apresentam menores taxas de felicidade.

Para Seligman (2004), em termos de felicidade, a vantagem para os casados está ligada ao envelhecimento e à retaguarda financeira, o que seria válido tanto para homens quanto para mulheres. No entanto, em casamentos considerados infelizes, o nível de bem-estar é menor do que o observado nas pessoas solteiras. Assim, este autor associa o casamento à felicidade apenas se o mesmo representar seguramente fonte de bem-estar. As hipóteses levantadas pelo pesquisador são de que pessoas felizes teriam mais possibilidade de se casarem e manterem o casamento ou que existiria uma terceira variável (como boa aparência e sociabilidade) que seria a causa de mais felicidade e de maior probabilidade de consumir-se o casamento. Desse modo, para Seligman (2004), o casamento está associado à felicidade, mas ainda não são claras as variáveis presentes no casamento (ou nos cônjuges) que estariam relacionadas a essa avaliação de bem-estar.

Galinha (2008) afirma que as pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na Europa são consistentes no sentido de evidenciarem que o casamento está positivamente correlacionado com o BES. Segundo a autora, o casamento é a característica sociodemográfica que tem revelado o maior efeito na satisfação com a vida global, no BES das pessoas, na saúde física e mental. A partir dos estudos de Hong e Duff (1997) pode-se afirmar que ter um cônjuge é um forte preditor de satisfação com a vida e que pessoas não casadas apresentam níveis superiores de depressão em comparação com as solteiras.

Similarmente, Díaz Llanes (2001) aponta que as pessoas casadas ou que vivem em união consensual, de ambos os sexos, apresentam maiores níveis de felicidade do que aquelas que nunca foram casadas, as divorciadas e as viúvas. Dados semelhantes também foram encontrados por Argyle (1999), Diener, Gohm, Suh e Oishi (2000), Diener e Lucas (2000) e Lee, Secombe e Shehan (1991). Esses achados convergentes podem ser um indicativo de que uma relação conjugal com adequada comunicação provê o casal de relações sociais significativas e nível apropriado de apoio material, emocional, econômico, instrumental e de informação, o que medeia positivamente a sua relação com o meio. No entanto, ainda são escassos os estudos no contexto nacional dedicados a mensurar o BES em casais (Scorsolini-Comin, 2009) e que investiguem as dimensões constituintes deste construto.

Nesse sentido, este estudo tem por objetivo analisar as correlações entre os fatores do bem-estar subjetivo (BES) em uma amostra de pessoas casadas.

Método

Participantes

A amostra foi obtida por critérios de conveniência. Foi composta por 106 participantes (membros de 53 casais heterossexuais), legalmente casados havia, no mínimo, um ano, com ou sem filhos (Tabela 1). Neste estudo não foram investigados os casais propriamente ditos (díades), uma vez que o objetivo foi analisar as correlações em pessoas casadas e não, especificamente, casadas entre si.

Entre os critérios de inclusão, destacaram-se: estar consensualmente casado há, no mínimo, um ano; não apresentar indícios de comprometimento cognitivo ou comportamental que prejudicasse a compreensão dos instrumentos de avaliação, nem estar em processo de separação conjugal no momento da avaliação. Com relação aos critérios de exclusão, não se restringiu duração máxima para os casamentos, idade, ocupação, quantidade de filhos ou classificação socioeconômica.

A média de duração do casamento foi de $16,11 \pm 11,35$ anos. Acerca da idade dos participantes, a idade média foi de 42 ± 11 anos. A média de idade dos homens foi 43,4 anos, ao passo que a das mulheres foi 40,7 anos. Em relação ao número de filhos dos casais participantes, a média foi de 1,49 filhos por participante, com desvio-padrão de 1,22. Em termos da classificação socioeconômica, auferida a partir do critério Abipeme (Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado, 2008), que será descrito posteriormente, a maioria pertence à classe B (60,37%).

Aliado à classificação socioeconômica, a renda *per capita* foi de 5,03 salários mínimos, com desvio-padrão de 3,63. Em relação ao grau de instrução dos participantes, a maioria (66,98%) possuía nível superior, o que se observou tanto entre homens quanto entre mulheres. Em relação às profissões/ocupações, a maioria dos participantes foi composta por profissionais liberais, com destaque para as profissões de psicólogo e engenheiro. Outra profissão de destaque na amostra foi a de professor. Destaca-se, ainda, a baixa frequência de donas de casa (seis em uma amostra de 53 mulheres), ou seja, de mulheres que não desempenhavam uma ocupação externa ao lar e que, portanto, passavam a maior parte do tempo em casa. Assim, pode-se dizer que a maioria dos participantes possuía nível superior de instrução e exercia atividade remunerada, com vínculo formal de trabalho.

Coleta dos Dados

Os participantes foram selecionados pela técnica da “bola de neve”, em que novos participantes foram indicados pelos próprios respondentes, a partir dos contatos da rede pessoal do pesquisador. Após serem esclarecidos sobre a pesquisa, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e preencheram os questionários e escalas. Os instrumentos foram aplicados exclusivamente em papel e de forma alternada, isto é, em cada conjunto de participantes a ordem dos instrumentos

Tabela 1

Caracterização do Perfil da Amostra, em Termos de Idade, Número de Filhos, Classificação Socioeconômica e Grau de Instrução/Nível de Escolaridade dos Participantes por Sexo (N=106)

Participantes	Idade média (anos)		DP (anos)		
Homens	43,415		11,81		
Mulheres	40,754		10,97		
Total	42,084		11,42		
Quantidade de filhos	<i>F</i>		<i>%</i>		
0	35		33,01		
1-2	46		43,39		
3-4	25		23,58		
Total	106		100,0		
Classificação socioeconômica	<i>F</i>		<i>%</i>		
A	30		28,3		
B	64		60,37		
C	10		9,44		
D	2		1,89		
E	-		-		
Total	106		100,0		
Grau de instrução/escolaridade	Homens		Mulheres		Total
	<i>F</i>	<i>%</i>	<i>F</i>	<i>%</i>	
Fundamental incompleto	2	3,77	-	-	1,88
Fundamental completo	-	-	1	1,88	0,94
Médio incompleto	4	7,55	1	1,88	4,7
Médio completo	8	15,10	6	11,32	13,2
Superior incompleto	8	15,10	5	9,43	12,26
Superior completo	31	58,49	40	75,47	66,9

era variada, a fim de evitar possível viés decorrente da fadiga do participante ao responder à bateria de instrumentos. A aplicação foi individual, ou seja, mesmo se tratando de casais, cada membro respondeu de modo independente (sem a presença do cônjuge). Outro cuidado tomado foi de que os respondentes não tivessem acesso às respostas do parceiro (contato prévio com os instrumentos respondidos, ou conversa sobre os mesmos após a aplicação), o que poderia influenciar nas respostas. Assim, a aplicação com cada cônjuge foi feita de modo sequenciado e independente. A saturação da amostra foi definida por meio dos procedimentos propostos por Krejcie e Morgan (1970).

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (processo nº 349/2007) e obedeceu rigorosamente aos princípios que regem a pesquisa envolvendo seres humanos no país.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico. Desenvolvido por Scorsolini-Comin (2009), tem como objetivo obter dados

gerais do participante, como nome, idade, sexo, grau de instrução, informações relativas às atividades profissionais, renda familiar, tempo de duração do relacionamento (há quanto tempo os parceiros estão juntos, casados ou em união estável) e se possuem filhos ou não.

Questionário de Classificação Socioeconômica. O critério Abipeme (2008) é uma escala ou classificação socioeconômica por intermédio da atribuição de pesos a um conjunto de itens de conforto doméstico, além do nível de escolaridade do chefe de família.

Escala de Bem-estar Subjetivo (EBES; Albuquerque & Tróccoli, 2004). Trata-se de um instrumento inspirado em escalas existentes no exterior, como descrito anteriormente. Em seu estudo original, a EBES foi respondida por 795 pessoas, 74 % do sexo masculino, com idade média de 35,6 anos (desvio-padrão de 4,83), 60,4% casados e 56,5% com nível de escolaridade superior incompleto, todos policiais civis do Distrito Federal, DF. A análise dos componentes principais e a análise fatorial (extração dos eixos principais – PAF e rotação *oblimin*) revelaram três fatores: afeto positivo (21 itens, explicando 24,3% da variância, alfa de Cronbach = 0,95); afeto negativo

(26 itens, 24,9% da variância, alfa de Cronbach = 0,95) e satisfação-insatisfação com a vida (15 itens, 21,9% da variância, alfa de Cronbach = 0,90). Juntos, os três fatores explicaram 44,1 % da variância total do construto. Os 69 itens da EBES foram analisados pela Teoria de Resposta ao Item (TRI). Segundo os autores da escala, optou-se pela rotação *oblímin* “por ela permitir que apareçam fatores ortogonais quando estes existem e já que não força a dependência entre os fatores, mas apenas a permite, enquanto a rotação ortogonal só permite fatores independentes” (Albuquerque & Tróccoli, 2004, p. 156).

O instrumento é composto por duas subescalas de resposta tipo Likert de cinco pontos. A primeira subescala trata dos afetos positivos e negativos, e a segunda abrange a satisfação com a vida. Na primeira subescala, os itens variam do número 1 ao 47 e descrevem afetos positivos e negativos, devendo o sujeito responder como tem se sentido ultimamente em uma escala na qual 1 significa “nem um pouco” e 5 significa “extremamente”. Na segunda parte da subescala, os itens vão do número 48 ao 62 e descrevem julgamentos relativos à avaliação de satisfação ou insatisfação com a vida, devendo ser respondidos em uma escala na qual 1 significa “discordo plenamente” e 5 significa “concordo plenamente”.

Conforme destacado, ao validarem o instrumento Albuquerque e Tróccoli (2004) utilizaram como amostra os policiais civis (homens e mulheres). Desse modo, a utilização deste instrumento no presente estudo visa, também, a descrever como a escala se comporta em uma amostra de casais com características diferentes da amostra de validação, ainda que no contexto brasileiro.

Análise dos Dados

Os dados obtidos com a aplicação dos instrumentos foram transpostos para o Software SAS 9.2 e categorizados a partir de números de identificação, por casal, por sexo e, conseqüentemente, por participante. Foram calculadas as correlações entre os escores dos seguintes fatores: (a) afetos positivos; (b) afetos negativos; (c) satisfação com a vida. A força da grandeza do coeficiente de correlação foi avaliada conforme procedimento proposto por Zou, Tuncali e Silverman (2003). O nível de significância adotado foi de $p < 0,05$.

Depois da definição das correlações, estabeleceu-se a relação dos escores totais dos diversos domínios a partir de um modelo linear múltiplo em que todas as variáveis foram consideradas a princípio. Para estabelecer o modelo final, todas as variáveis foram submetidas ao método de seleção de variáveis *stepwise*, no qual permaneceram no modelo aquelas que apresentaram maior evidência de significância do ponto de vista multivariado. A adoção deste método permitiu “filtrar”, dentre todas as variáveis elencadas, as que tinham maior poder de predição, uma vez que se trata de uma ferramenta de análise adequada para examinar e entender todos os tipos de relacionamentos interdependentes (Abbad & Torres, 2002; Hair, Anderson, Tatham, & Black, 1995; Montgomery, Vining, & Peck, 2001; Siegel & Castellan, 1988).

Resultados

A partir dos escores obtidos com a aplicação dos instrumentos, serão discutidas, uma a uma, as correlações. Desse modo, as Tabelas 2 e 3 resumem todas as correla-

Tabela 2

Matriz de Correlação e *p-values* Independente de Sexo ($N=106$)

	Afetos positivos	Afetos negativos	Satisfação com a vida	Idade	Tempo de relacionamento	Renda <i>per capita</i>
Afetos positivos	-	-0,45 (<0,01)	0,19 (0,05)	-0,25 (0,01)	-0,20 (0,14)	0,24 (0,08)
Afetos negativos		-	0,09 (0,35)	0,02 (0,86)	-0,16 (0,26)	-0,26 (0,06)
Satisfação com a vida			-	0,08 (0,41)	0,00 (0,99)	0,12 (0,38)

Tabela 3

Resultados do Modelo de Regressão Ajustado utilizando o Método de Seleção de Variáveis *Stepwise* ($N=106$)

Variável Resposta	Variáveis Explicativas	Estimativa do Parâmetro	<i>p-value</i>
Afetos positivos	Afetos negativos	-0,35	0,01
	Satisfação com a vida	0,91	0,01
	Idade	-0,14	0,11
Afetos negativos	Afetos positivos	-0,55	0,01
	Satisfação com a vida	0,94	0,01
Satisfação com a vida	Afetos positivos	0,11	0,01
	Afetos negativos	0,06	0,01
	Idade	0,06	0,05

ções e *p-values* encontrados pela associação dos domínios aqui elencados.

A Tabela 3 resume a análise de regressão múltipla realizada pelo método de seleção de variáveis *stepwise*.

Em relação aos afetos positivos e negativos, independentemente do sexo, foi encontrada uma correlação negativa ($r = -0,45$), considerada moderada (Zou et al., 2003), como pode ser observado na Figura 1.

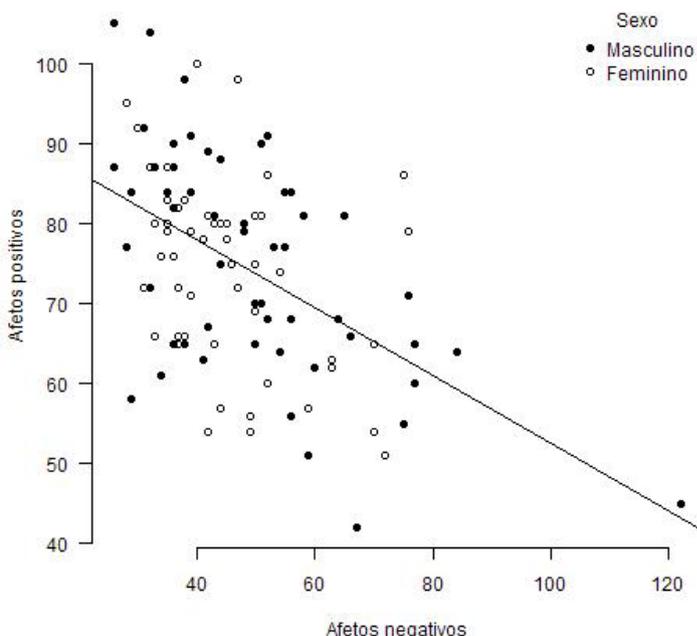


Figura 1. Correlação entre afetos positivos e afetos negativos ($N=106$).

No estudo de Albuquerque (2004), foi encontrado o coeficiente de $-0,36$, o que se situa na mesma faixa de correlação encontrada na presente investigação. Esta correlação pode ser compreendida tendo-se em mente que, quanto mais uma pessoa apresenta afetos positivos, menor devem ser os seus afetos negativos. O *p-value* encontrado nessa relação foi de $p < 0,01$, o que é considerado significativo. Desse modo, pode-se afirmar que tais variáveis

são correlacionadas, o que é corroborado pela análise de regressão múltipla (Tabela 3) e pela literatura existente (Albuquerque, 2004; Albuquerque & Tróccoli, 2004; Lawrence & Liang, 1988; Seligman, 2004).

Correlacionando-se os afetos positivos com a terceira variável do BES, ou seja, a satisfação com a vida, encontrou-se a correlação $\rho = 0,19$ (Figura 2), considerada leve, com nível de significância $p = 0,05$.

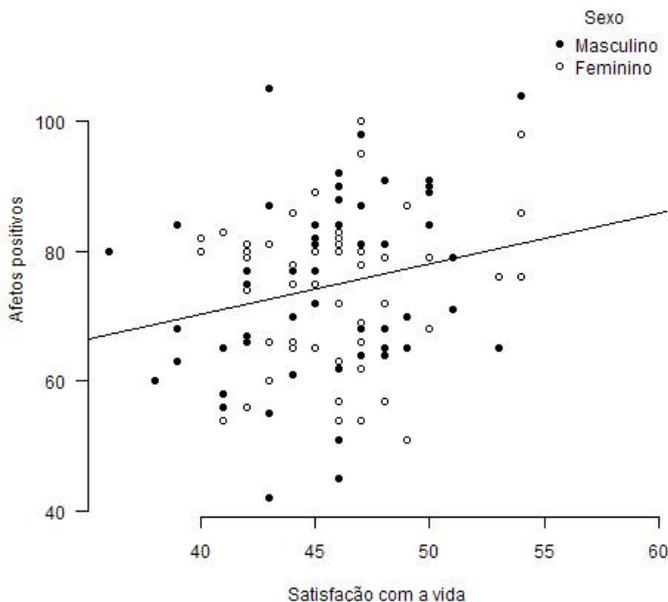


Figura 2. Correlação entre afetos positivos e satisfação com a vida ($N=106$).

No estudo de Albuquerque (2004), essa correlação foi de $\rho = 0,53$, o que é considerada moderada. Assim, no presente estudo, essas variáveis apresentaram menor correlação do que no estudo de validação da escala. Deve-se apontar que, quanto maior o afeto positivo, mais elevada parece ser a satisfação com a vida. A análise de regressão múltipla revelou que os afetos positivos estão forte e significativamente relacionados à satisfação com a vida.

Assim, pode-se dizer que a escala mostrou-se adequada e válida também para a amostra aqui utilizada, composta exclusivamente por pessoas casadas entre si (casais). No estudo original, não foram utilizadas apenas pessoas casadas, mas também solteiras. Assim, pode-se destacar que, nos limites circunscritos por esta amostra, a EBES também se mostrou válida para a avaliação do bem-estar de casados.

Em termos da idade dos participantes do estudo, os afetos positivos apresentaram uma correlação de $\rho = -0,25$, com $p < 0,01$, o que é considerada uma correlação entre fraca e moderada. Pela análise de regressão, esta correlação mostra-se evidente, embora não seja significativa. Pelos dados, os afetos positivos parecem diminuir com o avanço da idade, uma vez que a correlação encontrada foi negativa. Tal apontamento situa-se na mesma linha do estudo de Diener e Suh (1998), que mostrou que apenas os afetos positivos tendem a declinar com a idade.

Em relação ao tempo de relacionamento, a correlação encontrada foi negativa ($\rho = -0,20$) e não significativa ($p = 0,14$). Desse modo, afeto positivo e tempo de relacionamento não são correlacionados, embora seja observada uma tendência aos afetos positivos declinarem com o passar dos anos de casamento, no mesmo sentido trazido em relação à idade. Em relação ao grau de instrução, à classificação socioeconômica e à renda, não houve associação entre as variáveis e os afetos positivos.

Acerca dos afetos negativos e da satisfação com a vida, encontrou-se uma correlação de $\rho = 0,09$ ($p = 0,35$) que, segundo Zou et al. (2003), é considerada fraca. No entanto, pela análise de regressão múltipla, esses domínios apresentaram uma relação significativa. Na literatura, a correlação encontrada foi de $\rho = 0,47$ (Albuquerque, 2004), considerada moderada (Zou et al., 2003) ou razoavelmente elevada (Albuquerque, 2004). Tendo como norte a análise de regressão, a correlação significativa entre essas variáveis confirma os achados do estudo de validação da escala, uma vez que suas variáveis estão fortemente relacionadas: afetos positivos e afetos negativos, afetos positivos e satisfação com a vida (conforme discutido anteriormente), afetos negativos e satisfação com a vida.

Em termos de idade, ao contrário do que foi observado em relação aos afetos positivos ($\rho = -0,25$; $p = 0,01$), com os afetos negativos não houve associações significativas ($\rho = 0,02$; $p = 0,86$). Os afetos negativos também não apresentaram correlações significativas com o tempo de relacionamento ($\rho = -0,16$; $p = 0,26$), com o grau de instrução ($p = 0,24$), classificação socioeconômica

($p = 0,66$) e renda *per capita* ($\rho = -0,26$; $p = 0,06$). Em termos do fator satisfação com a vida, não foram encontradas correlações significativas, a saber: idade ($\rho = 0,08$; $p = 0,41$); tempo de relacionamento ($\rho = 0$; $p = 0,99$); grau de instrução ($p = 0,81$); classificação socioeconômica ($p = 0,74$); renda *per capita* ($\rho = 0,12$; $p = 0,38$).

Discussão

Segundo dados do estudo de Seligman (2004), existe apenas uma moderada correlação negativa entre emoções negativas e emoções positivas. Tal correlação é explicada pelo autor do seguinte modo: se uma pessoa tiver muita emoção negativa na vida, sua emoção pode ser um pouco abaixo da média, mas a pessoa não está “nem de longe fadada a uma vida sem alegrias. Do mesmo modo, muita emoção positiva não passa de uma proteção moderada contra a tristeza” (Seligman, 2004, p. 74).

Assim, Seligman (2004) conclui que a relação entre emoção positiva e emoção negativa não é de total oposição. Essa é uma das questões centrais da Psicologia Positiva e que ainda não foi suficientemente explorada pelos estudos empíricos. A maioria dos autores, como Diener (1984), não considera os afetos positivos como opostos aos negativos, mas afirma que, para uma pessoa ser feliz, é fundamental que os afetos positivos se sobreponham aos negativos, uma vez que todos experimentam, durante a vida, ambos os afetos e são igualmente constituídos pelos dois. A presente investigação caminha nesse sentido.

Pelos dados da amostra de casados, pode-se afirmar que afetos positivos e negativos são negativa e significativamente correlacionados, corroborando a afirmação de Diener (1984) e de outros pesquisadores contemporâneos do BES, inclusive no Brasil (Albuquerque, 2004), o que não significa que um anule a existência do outro, uma vez que ninguém apresenta nível nulo de afetos, quer sejam positivos ou negativos.

Segundo dados trazidos por Seligman (2004), a riqueza, que traz consigo bens materiais, tem uma correlação “surpreendentemente baixa com o nível de felicidade. Os ricos são, em média, apenas ligeiramente mais felizes que os pobres” (Seligman, 2004, p. 65). Assim, pela análise de correlações, as variáveis correlacionadas com os afetos positivos foram os afetos negativos, satisfação com a vida e idade. Pela análise de regressão múltipla tipo *stepwise*, as variáveis que mais diretamente se relacionaram com os afetos positivos foram os afetos negativos e a satisfação com a vida.

A avaliação da satisfação com a vida (terceiro fator do BES) é subjetiva e, como tal, reflete as expressões de cada pessoa quanto aos seus próprios critérios de satisfação com a vida como um todo e em domínios específicos, como saúde, trabalho, condições de moradia, relações sociais e outros. Como destacado por Giacomoni (2004), isso não significa que essas variáveis interfiram no BES, mas que podem influenciar a interpretação que as pes-

soas fazem de suas próprias vidas, em consonância com as teorias da abordagem *top-down*. Assim, a satisfação com a vida reflete o bem-estar individual, o modo e os motivos que levam as pessoas a viverem suas experiências de vida de maneira positiva (Diogo, 2003; Resende, Bones, Souza, & Guimarães, 2005).

A idade, pela análise de regressão, mostrou-se associada de modo significativo com a satisfação com a vida, o que corrobora o estudo de Seligman (2004), que concluiu que a satisfação com a vida aumenta ligeiramente com a idade. Em relação ao grau de instrução, investigado por outros pesquisadores como variável “educação” (Seligman, 2004), os dados obtidos também não apresentaram associações significativas com o nível de satisfação com a vida, como observado na amostra deste estudo.

Não foram encontradas correlações significativas do BES com a idade, tempo de relacionamento, grau de instrução, classe socioeconômica e renda, no mesmo sentido que apontam as teorias *top-down*, em oposição às mais tradicionais, *bottom-up* (Giacomoni, 2004). Segundo Albuquerque (2004), a renda econômica foi considerada, por muito tempo, como sendo fortemente relacionada ao BES. Embora o senso comum afirme que dinheiro possa trazer felicidade, a relação entre riqueza material e o BES não é direta. Riqueza econômica pode contribuir para o BES por prover os meios de satisfação de algumas necessidades básicas, como alimentação, vestimenta e cuidados com a saúde.

Estudos realizados nos Estados Unidos, como os de Frey e Stutzer (2002), mostraram uma relação positiva entre renda e felicidade naquele país. Em ambos os períodos analisados (de 1972-1974 e 1994-1996), a média da felicidade pareceu aumentar conforme aumentou a renda dos sujeitos. Estudos com dados de países europeus revelaram cenários semelhantes (Oswald, 1997). Renda adicional, entretanto, não aumenta a felicidade infinitamente. A renda parece apresentar uma utilidade marginal decrescente em relação ao bem-estar.

Apesar de a maioria dos trabalhos apontarem para uma correlação positiva significativa entre felicidade e renda, as correlações por si só não estabelecem direção de causalidade. Existe a possibilidade de que rendas mais altas não tragam felicidade para as pessoas, e sim que pessoas mais felizes ganhem mais dinheiro porque tendem a trabalhar mais arduamente e serem mais empreendedoras, estando mais satisfeitas com suas atividades e seus desempenhos profissionais (Corbi & Menezes Filho, 2004).

Os resultados das pesquisas de Corbi e Menezes Filho (2004) no Brasil mostraram que as pessoas mais ricas e com emprego têm mais chance de serem felizes. Da mesma maneira, a renda parece aumentar o nível de BES das pessoas, para todos os países analisados. Como destacado por Freire (2001), o BES nem sempre é afetado por condições materiais, de saúde, conforto e riqueza, pois a influência desses aspectos depende dos valores e expectativas do indivíduo, do grupo a que pertence e da sociedade em que vive.

Em termos da experiência conjugal, contemplada no estudo pela variável tempo de relacionamento, nenhum dos fatores do BES estavam correlacionados com a mesma. Assim, considerando o escopo deste estudo, não se pode corroborar a literatura internacional (Seligman, 2004; Snyder & Lopez, 2009) que atesta que pessoas casadas são mais felizes que as demais, mas pode-se problematizar, nesses participantes casados, qual seria o papel da vivência conjugal na mensuração da própria satisfação com a vida, o que abre margem para outras investigações. Considerando os estudos que destacam a correlação entre felicidade e satisfação conjugal (Galinha, 2008; Scorsolini-Comin, 2009; Scorsolini-Comin & Santos, 2011; Seligman, 2004; Snyder & Lopes, 2009), os afetos positivos constituem o fator que mais se aproximam desses construtos. Assim, quanto maior o nível (ou frequência) de afetos positivos de uma pessoa (contentamento, bem-estar, otimismo, esperança, resiliência, gozo, prazer, entre outros), mais ela tende a se perceber feliz no relacionamento conjugal, desenvolvendo coesão com o parceiro, expressando sua afetividade e podendo fazer uma avaliação mais positiva acerca do cônjuge.

Um exemplo disso é o domínio da satisfação com a vida. Segundo Costa e Pereira (2007) e Glatzer (1987), a satisfação pode ser expressa em diferentes níveis, como a satisfação com a vida, a satisfação com todo um domínio da vida (como com o casamento) e a satisfação com determinados aspectos de um domínio (como com o parceiro). Como já destacado por Diener, Suh e Oishi (1998), o nível de satisfação pode ser um modulador das emoções, aumentando ou diminuindo as emoções positivas ou negativas dependendo do que se pensa, o que pode ser estendido à situação do casamento. O modo como cada cônjuge participa do estar junto em uma relação, compartilhando sentimentos, desapontamentos, diferenças e proximidades, pode ser um fator de satisfação não apenas com o domínio conjugal, como também com a própria vida. Obviamente, essas considerações devem ser postuladas face aos resultados obtidos a partir de outros instrumentos que, juntamente com a EBES, possam fundamentar a discussão das relações existentes entre bem-estar e experiência conjugal, o que pode contribuir com subsídios para futuras investigações.

Considerações Finais

O primeiro ponto a ser destacado neste estudo com pessoas casadas é que todos os fatores do BES foram correlacionados entre si, assim como se observou no estudo de validação da escala utilizada (Albuquerque & Tróccoli, 2004). Em termos da experiência conjugal, em estudos futuros, a avaliação de cada um dos casais acerca desses mesmos fatores poderá revelar se existiria mesmo um BES do casal, por exemplo. Ou seja, dentro de cada casal, quais seriam as correlações entre os fatores de BES? Outra possibilidade que se abre é a de avançar nesses estudos de maneira a investigar, do ponto de vista conceitual e es-

tatístico, quais as semelhanças e diferenças entre esse suposto BES do casal (díade) e o BES de cada cônjuge.

Frente aos resultados obtidos, pode-se indagar: que olhar pode ser lançado para os achados deste estudo a partir da Psicologia Positiva? Primeiramente, a busca pelos aspectos adaptativos do ser humano está presente desde o delineamento dos fatores do instrumento utilizado, que destaca a satisfação e os aspectos que fazem com que as pessoas se engajem em situações prazerosas. Em termos do BES, a Psicologia Positiva se debruça notadamente nos afetos positivos e no modo como eles repercutem na avaliação subjetiva de bem-estar e de satisfação. De acordo com os dados obtidos, pode-se sugerir que tal referencial se detém nos aspectos fundamentalmente adaptativos da noção de satisfação com a vida. O desafio que se desenha, no entanto, supera tais cisões em termos de fatores, colocando uma questão emergente: como analisar os relacionamentos de maneira mais positiva e favorável à assunção e desenvolvimento de aspectos de maturidade, aceitação e bem-estar? É precisamente nesse ponto que o BES surge como um conceito-chave que deve ser investigado e compreendido mais a fundo.

A Psicologia Positiva se apresenta a serviço desse processo. Para tanto, abre-se a possibilidade de investigar, dentro de cada casal da amostra utilizada, como os fatores do BES se comportam. Esses são os desafios deflagrados ao final deste percurso de investigação e que apontam não apenas para a realização de novas pesquisas, como também sugere a potencialidade de incursões rigorosas que sigam lançando ao fenômeno investigado olhares ousados, amadurecidos e também positivos.

Conforme apontado por Abbad e Torres (2002) acerca dos estudos quantitativos como este, deve-se ter em mente os riscos, as limitações e os desafios implicados nesta investigação, notadamente pelo uso de técnicas como a análise de regressão múltipla. A confiabilidade dos resultados deve acompanhar não apenas o manejo adequado das técnicas e das análises efetuadas, mas também o modo como os dados são discutidos, problematizados e colocados sob a luz do referencial teórico.

Referências

- Abbad, G., & Torres, C. V. (2002). Regressão múltipla *stepwise* e hierárquica em Psicologia Organizacional: Aplicações, problemas e soluções. *Estudos de Psicologia* (Natal), 7, 19-29.
- Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado. (2008). *Critério de Classificação Socioeconômico do Brasil (CCSEB)*. São Paulo, SP: Autor.
- Albuquerque, A. S. (2004). *Bem-estar subjetivo e sua relação com personalidade, coping, suporte social, satisfação conjugal e satisfação no trabalho*. (Tese de Doutorado não-publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF.
- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 153-164.

- Anguas, A. (1997). *El significado del bienestar subjetivo, su valoración en México*. (Unpublished doctoral dissertation). Universidad Nacional Autónoma de México, Madrid, Espanha.
- Argyle, M. (1999). Causes and correlates of happiness. In D. Kahneman, E. Diener, & N. Schwarz (Eds.), *Well-being: The foundations of Hedonic Psychology* (pp. 353-373). New York: Russel Sage Foundation.
- Argyle, M., Martin, M., & Crossland, J. (1989). Happiness as a function of personality and social encounters. In J. Forgas & J. Innes (Eds.), *Recent advances in Social Psychology: An international perspective*. North Holland, Netherlands: Elsevier.
- Corbi, R. B., & Menezes Filho, N. A. (2004). Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. In *Encontro Nacional da ANPEC*. Retrieved December 25, 2008, from www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A152.pdf
- Costa, L. S. M., & Pereira, C. A. A. (2007). Bem-estar subjetivo: Aspectos conceituais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(1), 72-80.
- Díaz Llanes, G. (2001). El bienestar subjetivo: actualidad y perspectivas. *Revista Cubana de Medicina e Genética Integral*, 17(6), 572-579.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575.
- Diener, E. (1995). A value based index for measuring national quality of life. *Social Indicators Research*, 36, 107-127.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.
- Diener, E., Gohm, C., Suh, E., & Oishi, S. (2000). Similarity of the relations between marital status and subjective well-being across cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31, 419-436.
- Diener, E., & Lucas, R. E. (2000). Explaining differences in societal levels of happiness: Relative standards, need fulfillment, culture and evaluation theory. *Journal of Happiness Studies*, 1, 41-78.
- Diener, E., & Suh, E. M. (1998). Age and subjective well-being: An international analysis. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, 17, 304-324.
- Diener, E., Suh, E., Lucas, R., & Smith, H. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125, 276-302.
- Diener, E., Suh, E., & Oishi, S. (1998). Recent findings on subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, 2, 25-41.
- Diogo, M. J. D. E. (2003). Satisfação global com a vida e determinados domínios entre idosos com amputação de membros inferiores. *Revista Panamericana de Saúde Pública*, 13, 395-400.
- Emmons, R. A. (1986). Personal strivings: An approach to personality and subjective well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1058-1068.
- Freire, S. A. (2001). *Bem-estar subjetivo e metas de vida: Um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três faixas de idade*. (Tese de Doutorado não-publicada). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP.
- Frey, B. S., & Stutzer, A. (2002). What can economists learn from happiness research? *Journal of Economic Literature*, 40, 402-435.

- Galinha, I. C. (2008). *Bem-estar subjetivo: fatores cognitivos, afetivos e contextuais*. Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Giacomini, C. H. (2004). Bem-estar subjetivo: Em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia da SBP*, 12(1), 43-50.
- Glatzer, W. (1987). Subjective well-being: Components of well-being. *Social Indicators Research*, 19, 25-38.
- Hair, J. F. J., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (1995). *Multivariate data analysis with readings* (4th ed.). Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- Hong, L., & Duff, R. (1997). Relative importance of spouses, children and friends in the life satisfaction of retirement community residents. *Journal of Clinical Geropsychology*, 3, 275-282.
- Krejcie, R. V., & Morgan, D. W. (1970). Determining sample size for research activities. *Educational and Psychological Measurement*, 30, 607-610.
- Lawrence, R. H., & Liang, J. (1988). Structural integration of the Affect Balance Scale and the Life Satisfaction Index A: Race, sex, and age differences. *Psychology and Aging*, 3, 375-384.
- Lee, G. R., Secombe, K., & Shehan, C. L. (1991). Marital status and personal happiness: An analysis of trend data. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 839-844.
- Liang, J. (1984). Dimensions of the life satisfaction index A: A structural formulation. *Journal of Gerontology*, 39, 613-622.
- Lykken, D., & Tellegen, A. (1996). Happiness is a stochastic phenomenon. *Psychological Science*, 7, 186-189.
- Lyubomirsky, S., & Lepper, H. S. (1999). A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. *Social Indicators Research*, 46, 137-155.
- Martinez, M., & Garcia, M. (1994). La autopercepción de la salud y el bienestar psicológico como indicador de calidad de vida percibida en la vejez. *Revista de Psicología de la Salud*, 6(1), 55-74.
- Montgomery, D., Vining, G., & Peck, E. A. (2001). *Introduction to linear regression analysis*. New York: John Wiley Profession.
- Neugarten, B. L., Havinghurst, R. J., & Tobin, S. S. (1961). The measurement of life satisfaction. *Journal of Gerontology*, 16, 134-143.
- Oswald, A. J. (1997). Happiness and economic performance. *Economic Journal*, 107(445), 1815-1831.
- Paschoal, T., & Tamayo, A. (2008). Construção e validação da Escala de Bem-estar no Trabalho. *Avaliação Psicológica*, 7(1), 11-22.
- Resende, M. C., Bones, V. M., Souza, I. S., & Guimarães, N. K. (2005). Bem-estar subjetivo e rede de relações sociais na vida adulta e velhice. *Revista Eletrônica da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro*, 9(1), 9-16.
- Scorsolini-Comin, F. (2009). *Casar, verbo (in)transitivo: Conjugalidade, bem-estar subjetivo e satisfação conjugal na perspectiva da Psicologia Positiva*. (Dissertação de Mestrado não-publicada). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2008). Felicidade e bem-estar subjetivo: Uma revisão integrativa acerca dos instrumentos de avaliação. In S. R. Pasian, E. T. K. Okino, S. R. Loureiro, & F. L. Osório (Eds.), *Avaliação de personalidade: Técnicas e contextos diversos* (pp. 932-948). Ribeirão Preto, SP: Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2009). A Psicologia Positiva no contexto brasileiro: História, presente e perspectivas futuras. In S. N. Jesus, I. Leal, & M. Rezende (Eds.), *Experiências e intervenções em Psicologia da Saúde* (pp. 862-878). Faro, Portugal: Universidade do Algarve.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2011). Relações entre bem-estar subjetivo e satisfação conjugal na abordagem da Psicologia Positiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 658-665.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Correlations between subjective well-being, dyadic adjustment and marital satisfaction in Brazilian married people. *The Spanish Journal of Psychology*, 15(1), 166-176.
- Seligman, M. E. (2004). *Felicidade autêntica: Usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Seligman, M. E. P. (2011). *Florescer: Uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar*. (C.P. Lopes, trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Shin, D. C., & Johnson, D. M. (1978). Avowed happiness as an overall assessment of the quality of life. *Social Indicators Research*, 5, 475-492.
- Siegel, S., & Castellan, N. J. (1988). *Nonparametric statistics for the behavioral sciences*. New York: McGraw-Hill College.
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia Positiva: Uma abordagem científica e prática das qualidades humanas* (R. C. Costa, Trad.). São Paulo, SP: Artmed.
- Watson, D., & Clark, L. A. (1991). *Preliminary manual for the PANAS-X: Positive and negative affect schedule-expanded form*. Dallas, TX: Southern Methodist University.
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1067.
- Zou, K. H., Tuncali, K., & Silverman, S. G. (2003). Correlation and simple linear regression. *Radiology*, 227, 617-628.

Recebido: 24/03/2010
1^a revisão: 26/10/2010
Aceite final: 28/10/2010